

PESSOAS LGBTIA+ NA PÓS-GRADUAÇÃO: UM MAPEAMENTO DAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO DE GÊNEROS E SEXUALIDADES

John Jamerson da Silva Brito¹
Witembergue Gomes Zaparoli²

RESUMO

As pesquisas sobre as questões de gêneros e sexualidades, especialmente no contexto da educação, durante muito tempo limitaram-se unicamente a ter pessoas LGBTIA+ como sujeitos, mas não como autoras. No entanto, a partir de um movimento de inclusão e acesso nos espaços acadêmicos, essas pessoas começaram a participar também do processo de produção e escrita, compartilhando suas experiências. Portanto, este trabalho tem como objetivo estabelecer um diálogo sobre as produções acadêmicas de pessoas LGBTIA+ que abordam questões de gêneros e sexualidades no âmbito da educação. Utiliza-se como metodologia a revisão bibliográfica e a busca em bancos de dissertações e teses para a construção de um estado da arte. Ao final do trabalho, compreende-se que os escritos das pessoas LGBTIA+ apresentam semelhanças em relação às perspectivas teóricas e metodológicas, que emergem a partir de suas vivências singulares.

Palavras-chave: Gêneros, Sexualidades, Estado da Arte, Currículo, Práticas Pedagógicas.

1 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, jamersonbritobr@gmail.com.

2 Doutor em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, Professor do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas – PPGFOPRED da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, wg.zaparoli@ufma.br.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Problematizar as questões de gêneros e sexualidades na educação são importantes para compreender como os discursos (FOUCAULT, 1979) sobre pessoas LGBTQIA+³ são produzidos nos espaços escolares, e na realidade como esses discursos são perpetuados a partir de uma ordem de gênero binária homem/mulher (LOURO, 2018), e como essa classificação vem subalternizando e excluindo determinadas pessoas na sociedade.

Nesse sentido, esse trabalho objetiva-se realizar um diálogo das produções acadêmicas de pessoas LGBTQIA+ sobre questões de gêneros e sexualidades que estejam envoltas na educação a partir de um estado da arte, através de pesquisas realizadas no âmbito de mestrados e doutorados pelo Brasil.

A importância de se construir esse estado da arte, é a de investigar as produções que nos últimos anos vem permeando e adentrando neste caminho que estou percorrendo, sendo assim possível comparar e possibilitar reflexões acerca do que outras pessoas já produziram nesse campo de estudos, e como essas produções podem contribuir ou dialogar com o campo das pesquisas em gêneros e sexualidades na/em educação.

O presente trabalho organiza-se com essa primeira seção introdutória, a vindoura aborda sobre o conceito de Estado da Arte e como as produções (dissertações e teses) foram escolhidas para esse trabalho, além de trazer os apontamentos metodológicos, e na penúltima seção é realizado o diálogo entre essas referidas pesquisas, tendo por fim as considerações (in)conclusivas desse trabalho.

O QUE É E COMO FAZER UM ESTADO DA ARTE?

As pesquisas selecionadas aqui, foram indicadas por colegas docentes que pesquisam na área de gêneros e sexualidades, pois entendemos que não haveria como selecionar os textos escritos apenas por pessoas LGBTQIA+ através da leitura dos resumos em bancos de produções, sendo necessário esse suporte. Os critérios que utilizamos para fechar nas referidas pesquisas foram: Produções de pessoas LGBTQIA+ e Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado que tratem da temática de gêneros e sexualidades ligadas a educação;

3 Existem diversas formas de se escrever e referir a essa sigla, entretanto optamos por essa ao entender que a mesma supri nossas necessidades de diálogo e pesquisa a partir de nossos aportes teóricos. Sendo o significado Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneras, Travestis, Intersexuais, Assexuais e demais denominações.

O principal objetivo de se produzir um estado da arte é “mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento” (FERREIRA, 2002, p. 258), sendo então importante para conhecer diferentes produções e abordagens sobre determinada temática ou temáticas em uma área de estudo.

Sendo assim, o estado da arte possibilita a realização de uma espécie de inventário sobre as produções acadêmicas relacionadas a temática que desejamos escrever e pesquisar, entretanto, não é de uma forma meramente descritiva, mas trazendo e analisando a partir de categorias que possam proporcionar a compreensão dessas produções de forma mais analítica, compreendendo determinados fenômenos que são pesquisados nessas produções (FERREIRA, 2002).

A construção desse tipo de produção permite que nós enquanto pesquisadores/as possamos conhecer quais os principais caminhos que estão sendo adotados na nossa área de pesquisa, e para além disso, quais análises já foram feitas, compreendidas e quais lacunas ainda existem, e que como nós podemos contribuir de forma inovadora com nossas pesquisas (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

Assim, no campo educacional, o estado da arte traz importantes contribuições ao proporcionar a descoberta de experiências exitosas, ou então de problemáticas e diálogos a partir de perspectivas que talvez não teríamos pensado pelas limitações acadêmicas que existem, ou então como gosto de dizer, pelas “bolhas” que vivemos ao lermos e estudarmos apenas aquilo que está muito próximo de nosso objeto, no que tange as questões teóricas e metodológicas.

AS PRODUÇÕES DE PESSOAS LGBTQIA+: INTERFACES NA EDUCAÇÃO

As produções selecionadas partem de temáticas plurais, perspectivas teóricas e metodológicas, mas possuem aproximações no que tange as motivações para suas escritas, além de em sua maioria dialogarem com sujeitos/as que são LGBTQIA+, e algumas delas terem até diálogos teóricos/metodológicos semelhantes.

Elaboramos um quadro com algumas informações para melhor identificar as obras aqui selecionadas, a partir de uma ideia de valorização das regionalidades, identidades e temáticas trabalhadas.

Quadro 01: Dissertações e Teses escritas por pessoas LGBTQIA+ em ordem crescente por ano (2010 - 2019)

TÍTULO	AUTOR/A	ANO	TIPO	REGIÃO	IDENTIFICAÇÃO LGBTQIA+
Rompendo a mordaza: representações de professores e professoras do ensino médio sobre homossexualidade	Joyce Alves da Silva ⁴	2010	Tese	Sul	Mulher Trans
Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa	Luma Nogueira De Andrade	2012	Tese	Nordeste	Travesti
Experiência e constituição de sujeitos docentes: relações de gênero, sexualidades e formação em pedagogia	Roney Polato De Castro	2014	Tese	Sudeste	Homem Gay
Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de Gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da Cisgeneridade como normatividade	Viviane Vergueiro Simakawa	2015	Dissertação	Nordeste	Mulher Trans
O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação	Megg Rayara Gomes De Oliveira	2017	Tese	Sudeste	Travesti
Infâncias queer nos entre-lugares de um currículo : a invenção de Modos de vida transviados	João Paulo De Lorena Silva	2018	Dissertação	Sudeste	Homem Gay

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

A primeira obra por ordem crescente dos anos, é da professora Joyce Alves da Silva, com o título *“Rompendo a mordaza: representações de professores e professoras do ensino médio sobre homossexualidade”* (2010), a partir desse título já podemos perceber o movimento de resistência da autora, ao utilizar uma analogia sobre “romper mordazas” que nos calam diante de práticas dentro do âmbito escolar, ou seja, formas de silenciamento da população LGBTQIA+ e temáticas que nos envolvam.

Nesta tese, Silva (2010) pesquisa a partir das representações que professores e professoras do ensino médio têm sobre a homossexualidade, a partir de uma pesquisa de campo feito em duas escolas com um questionário com perguntas semi estruturadas. A autora apresenta ao longo de seu texto uma contextualização do

⁴ Joyce é uma mulher trans que realizou sua transição entre os anos de 2022/2023, sendo assim a sua pesquisa de doutorado apresenta ainda seu nome morto (nome dado ao nascer, mas ao qual não se identifica atualmente), e como forma de valorização nessa pesquisa, já iremos referenciar com seu nome novo.

que é sexo, sexualidade, gênero a partir de diferentes enfoques como forma de situar o/a leitor/a.

Ainda, a autora apresenta o papel da Educação Sexual como biologizante, por meio da reprodução dos estereótipos e das desigualdades de gêneros que são marcantes em nossa sociedade. Nesse movimento ela apresenta como a homossexualidade foi construída a partir de uma perspectiva sócio-histórico-cultural por meio da marginalização e exclusão de pessoas que fogem aos padrões estabelecidos como normais e naturais.

Sendo assim, a autora utiliza-se e respalda-se nos Estudos Culturais por meio dos processos de classificações sociais, controle e estigmatização daqueles/as considerados subalternos. Além disso, “bebe” bastante na fonte da Teoria Queer, por meio dos estudos de Michel Foucault, Judith Butler e Guacira Lopes Louro, para compreender sobre as construções da heterossexualidade como natural e dada, além de utilizar da Teoria da Representação Social por meio da Psicologia Social para a compreensão das representações que as pessoas produzem de si e de “outrem”.

Nesse sentido, a obra de Silva (2010) vai de encontro aos teóricos/as que pesquisam acerca das perspectivas de professores/as sobre a homossexualidade dentro dos espaços escolares, e para além disso, por meio da Teoria Queer, proporciona uma compreensão e um movimento de desconstrução das construções binárias.

Conforme Miskolci (2017) a teoria Queer surge como uma perspectiva de questionar as normativas de gêneros e sexualidades estabelecidas socialmente, através das demandas dos movimentos sociais que buscam outras formas de existência. Nesse sentido, reflete-se sobre as normas sociais que impõe uma sexualidade inerente ao ser humano, e imutável, compulsória.

A segunda obra é *“Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa”* (2012) de Luma Nogueira De Andrade, visa apresentar como ocorre a inserção e qual o impacto da presença de travestis na escola. Para isso, a autora aplicou um questionário em três escolas da rede estadual ao qual reside, descobriu-se 25 travestis matriculadas. E sendo assim, através das perguntas deste questionário ela buscou desvendar e entender se as pessoas transgêneras desses lócus específicos conseguem transgredir as normativas de gêneros que são impostas nos espaços escolares ou não, e como ocorrem esses movimentos ou assujeitamentos.

A produção de Andrade (2012) é muito potente ao pensarmos o espaço e as sujeitas de sua pesquisa, ao passo que historicamente o local e o lócus que as travestis foram e são vistas estão ligadas a prostituição, como a própria autora

aborda em seu texto, entretanto ao fugir desse padrão, ela nos desvela determinadas situações e violências que essas sujeitas enfrentam nos espaços escolares.

Sendo assim, para suporte nesta pesquisa, ela utiliza-se e parte de uma perspectiva feminista, pautada no pós-estruturalismo e na teoria Queer para compreensão das identidades de gêneros e das construções normativas que ocorrem entorno das sexualidades e dos gêneros.

A pesquisa de Andrade (2012) demonstrou o espaço escolar como um local violento, que não valoriza e na verdade segrega e exclui a presença das sujeitas travestis. Violências que são citadas nas entrevistas delas: o não respeito ao nome social na hora da frequência, a proibição do uso dos banheiros femininos, ausência do debate sobre diversidade sexual no currículo, falta de formação escolar para tratamento, a religião fortemente presente como justificativa e respaldo para a não aceitação e a violência, dentre tantas outras.

Pensando então no que Bento (2011, p. 522) no diz “a sexualidade normal e natural é a heterossexualidade”, e o espaço escolar reproduz essa ideia provocando violências e assujeitamentos de pessoas que transgridem a essas normativas tidas como naturais. A educação por vezes acaba se distanciando, e no caso excluindo essas pessoas por não saber lidar ou conseguir trabalhar sejam as temáticas, ou simplesmente lidar com a presença dessas pessoas no espaço escolar (LOURO, 2001).

A terceira obra é *“Experiência e constituição de sujeitosdocentes: relações de gênero, sexualidades e formação em pedagogia”* (2014) do Roney Polato de Castro, na qual o mesmo discorre sobre a experiência de ministrar uma disciplina na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF sobre gêneros e sexualidades, e como os/as *sujeitosdocentes*⁵ formam-se através da experiência formativa dessa disciplina.

Castro (2014) utiliza-se também dos estudos pós-estruturalistas, aliados aos estudos foucaultianos, e baseia-se no conceito de experiência e nos escritos de Jorge Larrosa. A pesquisa foi construída a partir da análise dos processos de formação docente nas universidades por meio de documentos das Licenciaturas em Pedagogia sobre gêneros e sexualidades, e através de diários de bordos escritos pelos/as estudantes na disciplina.

Por meio da análise dos diários de bordos, e das discussões e experiências vividas na disciplina, emergiram temáticas que Castro (2014) em sua tese dialoga como importantes para a formação docente: as homossexualidades⁶ atraves-

5 Esse é um termo cunhado pelo autor, para saber mais sobre o mesmo, acessar sua tese de doutorado referenciada ao final desse trabalho.

6 Entendida não apenas como uma forma de expressar homossexualidade, mas como várias e distintas cada qual atravessada pelas suas interseccionalidades (CASTRO, 2014).

sadas pela heteronormatividade⁷ e pela homofobia; o discurso religioso como instância de assujeitamento; as relações de gênero e o machismo e as violências contra as mulheres.

O autor parte de uma *pesquisa-experiência*⁸, de uma análise dos currículos, de narrativas docentes, através de uma valorização dessas experiências. Nesse sentido a pesquisa de Castro (2014) é uma das escolhidas deste estado da arte que mais aproxima-se com minha pesquisa de Mestrado, e, portanto, contribui para compreender como os processos metodológicos e a perspectiva pós-estruturalista e queer contribuem para pesquisas que visam problematizar sobre experiências docentes e trajetórias formativas de pessoas LGBTIA+.

A pesquisa de Castro (2014) é um verdadeiro mar de sentimentos e experiências formativas que nos permitem compreender como licenciandos/as em Pedagogia formam-se dentro de uma disciplina que possui um caráter não obrigatório, mas tão necessário e ao mesmo tempo tão subalternizado e excluído, sendo essa disciplina vista como não necessária. Dessa forma, a partir de sua pesquisa entendemos como é necessário que essas temáticas sejam abordadas na graduação, na formação dos/as docentes para que o impacto seja sentido e seu reflexo seja visto nas práticas pedagógicas da educação básica.

Franco (2015) então nos permite compreender que as práticas docentes só se tornam pedagógicas a partir do momento que há uma intencionalidade, em que a/o docente tem um determinado propósito para aquilo que está sendo abordado em sala de aula.

A quarta obra é *“Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de Gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da Cisgeneridade como normatividade”* (2015) de Viviane Vergueiro, ao qual a autora traça uma autoetnografia de sua trajetória realizando um processo de reflexão por meio da teoria Queer e da decolonialidade, permitindo problematizações sobre os processos de cishnormatividades⁹ que ocorrem sobre as vidas e corpos que fogem aos padrões normativos estabelecidos socialmente.

Enquanto uma mulher trans, Vergueiro (2015) traz uma escrita completamente livre e resistente ao sistema de normatização dos gêneros, ao qual a autora vai discorrendo sobre a realização da autobiografia e autoetnografia

7 A heteronormatividade refere-se ao padrão normativo que controla os gêneros e sexualidades a partir da ideia de que a heterossexualidade é única e natural (MISKOLCI, 2017).

8 Esse é um termo cunhado pelo autor, para saber mais sobre o mesmo, acessar sua tese de doutorado referenciada ao final desse trabalho.

9 A cishnormatividade refere-se as normas sociais que impõe os gêneros cis como privilegiados e únicos dentro da sociedade, de forma a nomeá-los como principais e os demais como incorretos e monstruosos (VERGUEIRO, 2015).

respaldando-se teoricamente, além de abordar sobre as interseccionalidades que atravessam as constituições de cada sujeita e sujeito, e de si própria.

Ao longo de seu trabalho, ela aborda sobre o conceito central da cisgeneridade e como esse conceito deve ser utilizado e refletido para a desconstrução e descolonização dos corpos e gêneros. Além disto, a autora trabalha o conceito dos corpos e gêneros inconformes, ou seja, aqueles/as que fogem aos padrões tidos como naturais e dados, propondo reflexões sobre as transgressões que os mesmos provocam nas normatividades.

O trabalho de Vergueiro (2015) parte da sua trajetória, portanto, ela reúne suas experiências e vai dialogando com as teorias ao longo de toda sua dissertação, como uma forma de propor reflexões sobre os processos cisnormativos que ela enfrentou em sua trajetória de vida.

Nesse movimento, Lugones (2014) pode nos ajudar a compreender como o gênero foi construído a partir de uma lógica colonial (LUGONES, 2014), que busca enquadrar e normatizar os corpos a partir da colonialidade¹⁰ (QUIJANO, 2010) como forma de repressão e de controle, por meio de uma ideia dicotômica da existência de apenas dois gêneros, sendo estes como normais e aceitáveis, e qualquer outro que fuja a esse padrão deverá ser excluído.

A quinta obra traz o título *“O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação”* (2017) de autoria de Megg Rayara Gomes de Oliveira, ao qual a autora trabalha por meio da análise das experiências de bichas pretas, viados e gays afeminados que fogem aos padrões cisheteronormativos, e como a escola por meio da reprodução dessas normativas impacta nas suas vidas e nos assujeitamentos deles.

Oliveira (2017) utiliza-se da metodologia das autobiografias para a construção de seu trabalho, por meio da análise a partir do conceito da interseccionalidade. Os protagonistas de sua pesquisa, foram quatro professores negros dos estados do Paraná e Rio de Janeiro que fogem as normativas padrões da heteronormatividade.

Por meio de sua pesquisa, a autora compreendeu que “preto/a”, “gay afeminado”, “viado” e “bicha” tornaram-se categorias, ao estarem presentes nas histórias de vida de seus interlocutores. Ao longo de seu trabalho, ela apresenta em determinados momentos uma relação mais formal com os/as autores/as, e em outros de forma mais livre ela escancara os preconceitos e normatividades

¹⁰ Segundo Quijano (2010), a colonialidade é uma forma de poder angular que se utiliza de classificações étnicas raciais para dominação e controle social, por meio de hierarquizações que possibilitam uma reprodução de conceitos, planos e dimensões e diversas esferas desses padrões a partir da ideia branca.

impostas enfrentadas tanto por seus sujeitos, quanto por ela própria enquanto estudante e docente em sua trajetória de vida.

A autora utilizou a técnica de entrevistas semiestruturadas para conseguir identificar nas trajetórias de vidas, pontos normativos, mas ao mesmo tempo como ela coloca ao longo do texto, é perceptível que essas vidas são envoltas em processos de resistência, por meio de transgressões que são produzidas por seus sujeitos, não apenas a partir de estratégias intencionais, mas de própria existência em dados espaços.

Então Oliveira (2017) ao trazer suas considerações aponta os processos de racismo e homofobia como interseccionais, que provocaram diversas violências nas trajetórias das bichas pretas, não apenas essas sujeitas de sua pesquisa, mas de todas que em algum momento enfrentaram violências, especialmente no contexto escolar.

A última obra é *“Infâncias queer nos entre-lugares de um currículo: a invenção de Modos de vida transviados”* (2018) de João Paulo de Lorena Silva. Nessa dissertação ele busca trazer o que o currículo faz com crianças que fogem aos padrões normativos, aquelas crianças que são consideradas anormais, monstruosas por apresentarem comportamentos fora das normativas cis. Sendo assim, ele realiza uma análise do currículo enquanto dispositivo regulador.

A pesquisa foi realizada em uma escola na cidade de Belo Horizonte com crianças dos anos iniciais de algumas turmas, por meio da presença do autor utilizando-se da cartografia como metodologia de pesquisa, e em seguida da análise por meio das perspectivas queer. Silva (2018) ao longo de trabalho faz um traçado por meio da cartografia, apresentando as crianças e como seu encontro com elas impacta e produz formas outras de se pensar as infâncias e os currículos, a partir de diálogos por meio das diferenças e das construções dos conceitos de gêneros e sexualidades dentro das perspectivas Queer.

Em seu texto fica evidente que o currículo e a escola buscam normatizar as crianças e na realidade produzir corpos heterossexuais, para que elas “mudem” e tornem-se outras pessoas que não aquelas que fogem aos padrões tidos como normais e únicos. Sendo assim, essas crianças fogem, elas bagunçam as noções de gêneros que se têm por meio de suas vidas, por meio das suas simples existências.

Nesse sentido, Silva (2018) aponta que essas crianças produzem uma terceira via, um *entrelugar*¹¹ ao qual elas resistem, elas provocam inquietações, e por meio dessas inquietações vão produzindo outras infâncias e outras formas de se

11 Esse é um termo cunhado pelo autor, para saber mais sobre o mesmo, acessar sua dissertação de mestrado, referenciada ao final desse trabalho.

pensar os gêneros, o seu texto é uma carta-manifesto a todas as crianças que em suas infâncias foram podadas apenas por serem quem são, é um ato de resistência ao currículo enquanto opressor e normatizador daquelas que fogem ao que é tido como normal e natural.

As produções escolhidas apresentam similaridades teóricas e metodológicas, porém mais que isso, elas apresentam os/as sujeitos/as como pessoas que resistem em seus espaços, a partir de uma fuga, transgressão ou até enfrentamento aos padrões estabelecidos, de forma que elas não somente existam nesses lócus, mas possibilitem o “florescer” de novas perspectivas. Pesquisas em/na educação sobre pessoas LGBTQIA+ que visam proporcionar reflexões sobre suas vivências e suas experiências são extremamente necessárias, para compreender os dispositivos e instrumentos normatizantes utilizados pela sociedade, mas ao mesmo tempo conhecer e perceber as possibilidades incríveis que são postas, ao superarem e transgredirem diversas formas de controle e de repressão e exclusão dentro dos espaços educativos também se faz necessário, através das resistências que por vezes se dá de maneira mais direta, e outrora indireta.

CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

Percebe-se que todas/os as/os autoras/es trazem motivações pessoais a partir de suas vivências para pesquisar e escrever sobre o que falam em suas obras, mas para além, seus textos são encarnados, trazem consigo marcas de vida, cicatrizes que não podem ser esquecidas, mas que são parte de suas vivências, e que compartilho com elas/eles também de algumas dessas cicatrizes.

Existe um respeito muito grande por parte das/os pesquisadoras/os sobre suas/seus sujeitas/os, ao passo que são trilhadas e traçadas suas histórias de (re) existência de forma cuidadosa, empática e única, nos proporcionando um deleitar sobre as escritas, que além de forma muito potente dialogam majoritariamente com a perspectiva queer e com estudos decoloniais, trazem uma linguagem mais livre, mais próxima a nós leitoras/es.

Então ao final dessa produção, compreendo que é necessário visibilizarmos esses trabalhos, que por muitas vezes são excluídos e não considerados, por trazerem temáticas, histórias e escritas transgressoras que não são aceitas por grande parte da comunidade acadêmica que ainda fortemente apresenta rejeição as sexualidades e gêneros inconformes e dissidentes.

Não quero traçar notas conclusivas aqui, mas notas (in)conclusivas, pois acredito que este estado da arte não conseguiu chegar nem perto de mensurar a potência, ou então reunir muitos dos trabalhos belíssimos produzidos por pessoas

LGBTIA+, entretanto é um início para que esse percurso seja traçado por outras pessoas que pretendam reunir e trabalhar a partir da riqueza que produzimos.

Buscamos nosso espaço dentro de um universo tão heteronormativo e machista, e aos poucos estamos vencendo pequenas batalhas que nos permitem adentrar nos *entrelugares*, nos permitem transgredir e valorizar as corpos e corpos tão subalternizados, inconsistentes e dissidentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Kauan Santos. **“Por que eu sou é homem?”**: o entre-lugar das bichas pretas na escola. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, 2019. Disponível em: <https://bityli.com/SkODpv>. Acesso em: 06 abri. 2022.

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola**: assujeitamento e resistência à ordem normativa. 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7600>. Acesso em: 06 abri. 2022.

ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2014

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Revista Estudos Feministas [online]. 2011, v. 19, n. 2. pp. 549-559. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>. Acesso em: 06 abri. 2022.

CASTRO, Roney Polato de. **Experiência e constituição de sujeitos docentes**: relações de gênero e sexualidades e formação em Pedagogia. 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1334>. Acesso em: 06 abri. 2022.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & sociedade**, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 06 abri. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.
FRANCO, Maria Amélia Rosário Santoro. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educação e Pesquisa [online]**. 2015, v. 41,

n. 3, 601-614. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201507140384>. Acesso em: 13 dez. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Rev. Estud. Fem. [online]**. 2001, vol.9, n.2, pp.541-553.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e a teoria queer. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LUGONES, María. “Rumo a um feminismo descolonial”. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez., 2014.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Cadernos da Diversidade nº 6, 3 ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47605>. Acesso em: 06 abri. 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição. REFLEXIVIDADE NARRATIVA E PODERAUTO(-TRANS)FORMADOR. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 17, n. 44, p. 93-113, 2021. DOI:10.22481/praxisedu.v17i44.8018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018>. Acesso em: 23 dez. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, p. 72 – 117, 2010.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista diálogo educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/download/24176/22872>. Acesso em: 06 abri. 2022.

SILVA, João Paulo de Lorena. **Infâncias queer nos entre-lugares de um currículo**: a invenção de modos de vida transviados. 2018. Dissertação (Mestrado)

– Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B5THZ5/1/disserta__o_de_mestrado_joao_paulo_de_lorena_silva.pdf. Acesso em: 06_abri. 2022.

SILVA, Joyce Alves da. **Rompendo a mordaza**: representações de professores e professoras do ensino médio sobre homossexualidade. 2010. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-27012011-144716/pt-br.php>. Acesso em: 06_abri. 2022.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>. Acesso em: 06_abri. 2022.